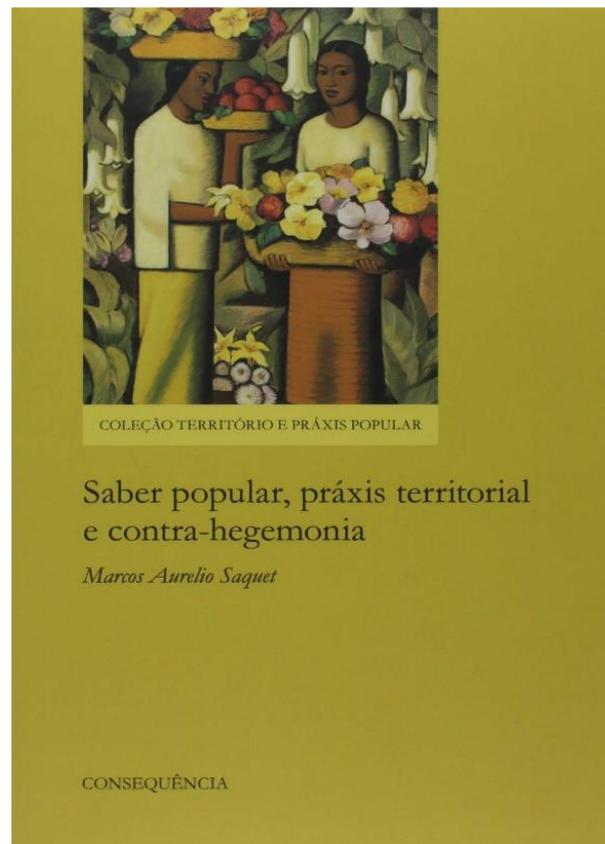


RESENHA

SABER POPULAR, PRÁXIS TERRITORIAL E CONTRA-HEGEMONIA (2019)

Deyvison Lopes de Siqueira¹ <https://orcid.org/0000-0003-0393-1292>



O livro é dividido em cinco capítulos, nos quais o autor combina uma abordagem teórica e prática com diversas experiências empíricas. Essas experiências são suportadas por projetos de pesquisa que demonstram a relevância da luta de classes e dos valores da coletividade, cooperação, ajuda mútua e solidariedade na construção de iniciativas que se opõem ao modelo hegemônico do capital.

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS – Unimontes e bolsista CAPES. Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPGEO – Unimontes. Graduado em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. E-mail: deyvisonsiqueira@yahoo.com.br

O autor utiliza termos importantes das ciências sociais para mostrar que existem outras possibilidades de desenvolvimento sendo construídas pelos camponeses, indígenas e afrodescendentes. Para promover esse debate, ele aborda conceitos como colonização, emancipação social popular, saber participativo, alternativas contra hegemônicas para o desenvolvimento local, autonomia dos sujeitos, territorialidades e temporalidades, práxis popular, cooperação e reciprocidade. Esses termos chave são discutidos tanto a partir do conhecimento teórico quanto do conhecimento popular "práxis cotidiana" dos sujeitos do campo e da cidade, que devem ser considerados pela ciência através das pesquisas acadêmicas.

No início do livro, Saquet apresenta os objetivos da obra, que tem como propósito apresentar os resultados de projetos de ensino, extensão e pesquisa realizados em conjunto com os sujeitos do campo e da cidade que atuam em ações de produção de alimentos, conservação ambiental, participação e cooperação popular. Essas atividades são importantes para promover uma melhor qualidade de vida para essas pessoas, em oposição ao modelo hegemônico do capital e do Estado burguês².

Neste livro, Saquet (2019) aborda de forma importante os territórios dos povos do campo e da cidade, utilizando a pesquisa participante e ação participante para mostrar as diversas ações desenvolvidas por esses sujeitos em seus territórios de resistência e luta contra as ações hegemônicas do capital. Ele enfatiza a importância da epistemologia do conhecimento e do papel das universidades em favor dos povos simples e humildes (povos originários desprovidos de conhecimentos acadêmicos, porém, dotados de conhecimento em cultura oralizada), visando à transformação social e territorial por meio do reconhecimento do conhecimento da práxis locais.

Saquet (2019) destaca o papel crucial da pesquisa participante e ação participante na realização de pesquisas com sujeitos simples do campo e da cidade, dando-lhes voz e promovendo o envolvimento direto com esses sujeitos e seus territórios de reprodução da vida. Além disso, ele promove outras formas de diálogo como processo de construção do conhecimento entre os sujeitos, de maneira interdisciplinar.

Saquet (2019) destaca a importância de valorizar os saberes populares e integrá-los ao conhecimento científico, o que ele denomina de inteligência territorial. Isso envolve a produção coletiva de conhecimento pelos sujeitos locais, por meio da participação e criatividade das pessoas na busca por soluções para seus problemas. O livro também aborda a

² Estado Burguês, na teoria marxista é aquele através do qual a burguesia exerce o poder político através de uma determinada combinação de instituições políticas, além de ser a classe dominante na sociedade.

difícil situação enfrentada pelas comunidades, e a necessidade de se trabalhar com movimentos sociais de resistência e luta para desenvolver alternativas políticas, culturais, econômicas e ambientais que se contraponham à hegemonia do capital e do Estado burguês na América Latina.

No primeiro capítulo, intitulado "**A FORMAÇÃO HISTÓRICA, DEPENDENTE E EXPLORADORA DA AMÉRICA LATINA**", Saquet (2019) apresenta o contexto histórico da colonização e subordinação na América Latina, decorrentes das estratégias do capital que geraram processos contraditórios, como a divisão internacional do trabalho e a subordinação da produção de alimentos e matérias-primas. Ele explica como ocorreram os processos de apropriação e expansão territorial capitalista na região, promovendo a concentração da riqueza e do poder através de um modelo agroexportador dependente do capitalismo global. Saquet aponta para as práticas capitalistas que desfrutaram das riquezas naturais e culturais, destacando a centralização do poder como uma das principais características desse modelo.

O autor enfatiza que ao longo dos anos, os colonizadores exerceram segregação, subordinação e exploração do trabalho e outras riquezas, além da expansão do capitalismo mercantil e exploratório dos recursos naturais. Isso tem gerado conflitos geopolíticos que causam impactos territoriais negativos e duradouros em toda a América Latina, historicamente e geograficamente. Empresas transnacionais têm investido em vários territórios para produzir alimentos e biocombustíveis, agravando ainda mais essa situação.

Os impactos negativos causados pela expansão do capitalismo na América Latina são evidentes, como o fortalecimento e a hegemonia do agronegócio, que resulta no êxodo rural e crescimento precário das periferias urbanas, além da perda da soberania alimentar e aumento da crise ambiental. As ações do capitalismo e os valores do mercado acabam dissolvendo e negando as comunidades agrárias, camponesas e indígenas, gerando desigualdades extremas e reduzindo a diversidade agrícola através do predomínio das monoculturas em grande escala, introdução de organismos geneticamente modificados, expropriação rural, contaminação da água e erosão do solo, todos esses impactos são resultado dos interesses do capital e do "fortalecimento da hegemonia do agronegócio".

No segundo capítulo intitulado "**É POSSÍVEL CONSTRUIR UM PARADIGMA LATINO-AMERICANO CONTRA-HEGEMÔNICO A PARTIR DOS PENSAMENTOS INDO-AMERICANOS E AFRICANOS?**", Saquet aborda sobre as alternativas para superar a hegemonia europeia e construir novas lógicas de descolonização, valorizando a diversidade cultural e a multiplicidade de formas de pensar presentes na América Latina. Ele propõe a criação de um paradigma contra hegemônico baseado no

pluriverso, que permita a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Para isso, é necessário incorporar os saberes e conhecimentos indígenas e africanos, que possuem outras formas de compreender e lidar com o mundo, e valorizar as ações multiculturais e diversas como forma de fortalecer a identidade latino-americana e combater a dominação cultural e econômica imposta pelo capitalismo global.

O autor enfatiza a importância de preservar os saberes locais e valorizar as experiências de produção das comunidades, especialmente por meio de relações de cooperação que possam enfrentar a supremacia do mercado. É fundamental identificar os valores, crenças e potencialidades que permitem um modo de vida mais justo e digno, reconhecendo os povos indígenas como atores históricos e criadores de identidades e práticas alternativas. Além de iniciativas agroecológicas e artesanais, as comunidades desenvolvem estratégias de autogestão e associações em pequenas cooperativas, que são alternativas ao modelo hegemônico do capitalismo.

No terceiro capítulo intitulado “**AS TERRITORIALIDADES E TEMPORALIDADES COMO RECIPROCIDADE E PRÁXIS POPULAR**”, o autor apresenta, por meio de reflexões empíricas baseadas em projetos, a relevância de práticas pautadas na reciprocidade, solidariedade e cooperação. Tais práticas são fundamentais na conquista da autonomia e da prática de resistência em oposição à subordinação e exploração das ações hegemônicas do capital. O autor destaca a importância de combater as várias formas de exclusão e expropriação social geradas pela concentração de capital e centralização do poder.

Saquet (2019) enfatiza que é possível promover a conscientização de classe e fortalecer ações transformadoras através do diálogo e da compreensão das diferenças, experiências e reflexões, sem a necessidade de deslocamento da natureza e do território. Para isso, é importante valorizar as relações afetivas e de pertencimento, bem como as relações de reciprocidade, cooperação e solidariedade entre os atores locais e as ações de desenvolvimento territorial. Através dessas práticas sociais transformadoras, é possível buscar a autonomia decisória e contrapor-se ao projeto hegemônico, fortalecendo a gestão territorial e o desenvolvimento regional, criando redes de aprendizagem conjunta.

O autor destaca a importância dos princípios de *reciprocidade, cooperação, solidariedade e diálogo* no movimento de descolonização e construção da independência social, econômica, política, ideológica, cultural e intelectual. Essa busca pela liberdade universal promove o cuidado sustentável do território em todas as suas dimensões sociais e naturais, contrapondo-se ao controle e hegemonia instituídos na América Latina desde a sua

conquista, através das práticas de dominação e dependência. O domínio do conhecimento e da tecnologia perpetua mecanismos de sujeição e dependência dos povos marginalizados, e a construção de uma autonomia baseada em valores alternativos é fundamental para a superação desse padrão histórico.

No quarto capítulo, intitulado **"APRENDIZADOS CAMPONÊS AGROECOLÓGICO, ARTESANAL E URBANO NUMA TEMPORALIDADE LENTA"**, o autor apresenta resultados de projetos desenvolvidos em diferentes territórios. Esses projetos envolveram ações coletivas de produção e organização baseadas em práticas locais, tanto no meio rural quanto urbano. Tais ações foram apoiadas por projetos de pesquisa e extensão e foram desenvolvidas com uma perspectiva contra hegemônica, que inclui valores participativos, populares e ecológicos de resistência.

Considerando a perspectiva apresentada pelo autor, ele destaca o importante papel das ONGs na promoção de experiências agroecológicas. Essas experiências têm sido fundamentais para manter práticas agroecológicas ao longo dos anos, mesmo diante de inúmeras dificuldades. Os alimentos produzidos são diversificados e baseados em princípios e práticas agroecológicas, que estabelecem relações de proximidade, solidariedade e confiança entre produtores e consumidores.

De acordo com Saquet (2019), a agroecologia tem surgido como um movimento que valoriza as práticas da cultura camponesa e as singularidades territoriais, buscando fortalecer os sujeitos do campo e da cidade através do engajamento em projetos participativos, solidários e cooperativos. Isso implica na valorização dos saberes e práticas locais, com o objetivo de alcançar a autonomia e resistência contra agentes hegemônicos. A agroecologia busca, assim, promover sistemas mais sustentáveis e justos de produção de alimentos, baseados em relações mais igualitárias e solidárias entre os seres humanos e a natureza.

No quinto capítulo do livro intitulado **"DESCOLONIZAÇÃO E A PRÁXIS TERRITORIAL E CONTRA-HEGEMÔNICA NO DESENVOLVIMENTO"**, Saquet inicia com uma crítica ao modelo hegemônico da ciência e da produção de conhecimento, que tende a desconsiderar outras formas de conhecimento e a reproduzir somente as práticas do conhecimento europeu. Isso resulta na predominância do conhecimento dominante ocidental, que é produzido principalmente por homens brancos e aplicado em outras regiões geográficas, ignorando outras construções científicas. Mesmo assim, há dificuldades em fazer uma autocrítica a esses métodos, que podem ser considerados uma forma de "colonialismo interno".

A disseminação do conhecimento europeu, que promove apenas o que lhes interessa, pode manter os oprimidos silenciados e acríticos e criar um pensamento único totalitário, eliminando a diversidade e outras visões. Os intelectuais burgueses muitas vezes desenvolvem o conhecimento de cima para baixo, impondo a reprodução e dominação social. Eles afirmam que seu pensamento é superior e inovador, estabelecendo normas e regras que só os favorecem, sem levar em consideração o conhecimento das minorias. Esse comportamento reproduz a prática alienadora do conhecimento ocidental, em que o conhecimento dominante é gerado por uma minoria que trabalha para defender os interesses da burguesia.

Nesse sentido, é de grande importância reconhecer o saber popular e utilizá-lo na construção do conhecimento científico, visando promover a classe dominada. A pesquisa desempenha um papel fundamental nesse processo, envolvendo a participação popular, a práxis cotidiana de solidariedade e cooperação, contribuindo para a construção de saberes, consciências, proximidades, resistências e lutas contra a hegemonia territorial. A unidade entre os conhecimentos acadêmicos e populares pode ser alcançada por meio da participação das comunidades e lugares onde estão as possibilidades de construção da emancipação. É possível construir diversas experiências solidárias e participativas em contraposição ao modelo hegemônico do capital.

A leitura da obra de Saquet é essencial para compreendermos a importância da Universidade e dos pesquisadores na promoção de novas formas de produção do conhecimento e no reconhecimento das práticas cotidianas das pessoas mais simples e humildes. Como pesquisador das ciências sociais e membro da comunidade acadêmica, percebo que temos uma oportunidade valiosa para promover ações que deem visibilidade e voz às práticas de luta e resistência das minorias. Essas comunidades, por sua vez, lutam arduamente para criar mecanismos de resistência e defesa de seus territórios contra o modelo hegemônico e perverso do Estado burguês e do capital que oprimem as pessoas mais simples, tanto no campo quanto na cidade.

Por último, é relevante ressaltar a importância do autor por meio do seu trabalho rigoroso e dedicado, ao apresentar uma análise detalhada das práticas cotidianas das pessoas mais simples do campo e da cidade. Isso proporcionou voz e esperança a essas pessoas, além de inspirar outros pesquisadores a explorar alternativas para a produção agroecológica, formas de cooperação, solidariedade, resistência e luta contra as práticas opressoras do modelo colonizador. Esse modelo, causador de exclusão e desigualdade, é mantido pelas práticas capitalistas de acumulação de riquezas da classe burguesa, que atuam contra as minorias.

REFERÊNCIAS

SAQUET, Marcos Aurélio. **Saber popular, práxis territorial e contra-hegemonia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

SAQUET, Marcos Aurélio. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. **Geosul**, v. 22, n. 43, p. 55-76, 2007.

SAQUET, Marcos Aurélio. O desenvolvimento numa perspectiva territorial, multidimensional e democrática. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, v. 19, n. 1, p. 5-15, 2011.

Artigo recebido em: 21 de fevereiro de 2023.

Artigo aceito em: 31 de maio de 2023.

Artigo publicado em: 21 de junho de 2023.